A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira — SEMANARIO REPUBLICANO — N.º 1 DO 3.º ANO

Redacção e Administração: R. do FRANCISCO AGRA, 8 — Guimarães, 31 de Maio de 1925 — Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34 «MINERVA RIBEIRO» — Guimarães

EM DEFESA

Deve «A Razão» o seu aparecimento á necessidade de defender a Republica dos ataques imoderados e atrabiliarios de certos escribas que nesta terra medram, e, sem sombra de pudor, corriam toda a escala da injuria e da calunia para difamarem as instituições e os que a servem. Pugnar por uma Republica melhor, defender e propagar o ideal republicano, foi o lêma do nosso jornal no primeiro dia da sua publicidade e sê-lo-há no futuro, apesar de tudo e atravez de tudo.

Orgulhamo-nos de ter cumprido, e muito mais quando é certo que, para isso, nada fizemos que represente uma ofensa á Verdade, ninguém a tanto nos levaria, nem um sacrificio, o mais pequeno, da nossa dignidade, que a nada sacrificaremos. Na brecha politica, a que nos trouxeram adversários desleais *com as letras todas*, nem a lisonja, nem a mentira nos serviram de arma e a isso devemos não ter agradado nem a Deus nem ao diabo, nem a gregos nem a troianos. Já neste mesmo lugar dissemos a mesma coisa; mas, voltamos a dizê-la para que não fique sem emenda a insidiosa afirmação de quem há muito se divorciou do bom senso.

E' «A Razão» um jornal que vive do amparo de todos os republicanos. Disto se não esquece quem o dirige que, se não tem méritos jornalisticos, exige que lhe reconheçam méritos de homem honesto. E, sendo assim, nunca este jornal se transformará em orgão deste ou daquele grupo politico, desta ou daquela côr. Na defesa que vimos fazendo da Republica e dos republicanos, nunca—e facil é demonstrá-lo—olhamos á bandeira partidaria que servem, antes e *propositadamente* dela abstraimos. Escrevem aqui republicanos de todos os matizes, faz-se aqui a critica, favoravel ou desfavoravel, de republicanos de todos os partidos, e ninguem provará que repartimos o louvor e a censura ao sabor das nossas simpatias ou inclinações politicas.

Por outro lado, se faz parte do plano dos que aqui trabalham conseguir o congraçamento e união de todos os republicanos, como consegui-lo se nós mesmos nos metessemos no exclusivismo, vá lá o termo, partidario?

Se, pelo facto de defendermos a Camara republicana das arremetidas dos monarquicos, o «Ecos» se julga no direito de nos chamar «orgão camarario», porque não diz tambem que somos orgão do sr. Alvaro de Castro, ou do sr. Antonio Maria da Silva, do partido republicano português ou do radical, dos homem e dos partidos, enfim, que aqui temos defendido e até louvado, se para tanto temos motivo? Logica de esquina é essa, mas não colhe, já por vir donde vem, já por falta de bases.

Nem jamais nem doutra Camara a «A Razão» é orgão, mas da Republica e dos republicanos. Outra fôsse a vereação, outro fôsse o partido dos ódis e «A Razão» dar-lhes-ia o mesmo apoio, incondicional e desinteressado, desde que, como no caso presente, o merecessem.

EM CENTEIO VERDE

E neste «onde digo digo, digo que não digo» o orgão monarquico vai arrastando a sua campanha contra a Camara, campanha que não visa a beneficiar o concelho, antes é feita toda ela em defesa de reles intuitos politiqueiros. Metem os pés pelas mãos ao puxarem a brasa para a sua sardinha e, assim, é que no mesmo numero em que dizem que a Camara não tem feito nada, confessam, sem dar por ela, talvez, que a vereação actual alguma coisa tem feito. Mas, então, em que é que ficamos? Quando é que fala verdade o impagavel «Ecos»?

.....

Essas obras que se estão fazendo para dotar o concelho com um novo edificio, onde desafogadamente se instalem a Camara e o Tribunal, não significam nada, nada provem para o «Ecos» e, contudo, tais obras são elogiadas por todos os que, sem facciosismos, querem o desenvolvimento da sua terra. As novas arterias que se estão abrindo, são um melhoramento que todos reconhecem menos o orgão monarquico.

O valioso auxilio que a Camara prestou ao Liceu, dando-lhe edificio proprio e concorrendo para a realização de reparações urgentes, é um facto incontroverso, cujo valor ninguem de senso negará; mas o «Ecos» nega-o, ainda que isso lhe valha atestado de parvo.

O que se vem fazendo para a instalação dos Correios e dos Telefones demonstra á saciedade que á frente do Concelho de Guimarães está alguem capaz de fugir ao marasmo de muitos decenios, para se lançar inteligentemente no caminho das realizações uteis.

Quem o não vê? O «Ecos», sempre faccioso e sempre trapacejro; o orgão daqueles que em dez seculos abriram dez fuas e viveram felizes na casa que hoje condenem—edificio da Camara—e viram sem protestos o funcionamento do Tribunal em piores condições do que aquelas em que hoje está.

Só o «Ecos» de cara estanhada e contas ao pescoço, pode negar os serviços valiosos já prestados pela actual vereação, dos quais cito apenas alguns, que se me afiguram conhecidos de todos. Só o «Ecos» pode mentir tão descaradamente, porque só o «Ecos» tem um *cartão* tão estanhado e tão insensivel á vergonha. Há muito que o temos amarrado aqui ao pelourinho das suas trapaças, há muito que lhe apontamos as incoerencias. Raro é o numero de «A Razão» em que se não limem as colmilhas aos tartufos que, incapazes de nada, teimam em acusar os outros de inuteis e incompetentes. O «Ecos» quer mais. Pois terá mais. E como é reincidente na trapaça e como o odio politico o cega, facilmente o faremos dançar na corda bamba do ridiculo.

Condolencias

Ao nosso presado amigo, snr dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, ilustre professor da Escola Industrial desta cidade, apresentamos condolencias pela morte de sua estremosa filhinha Eldina.

«ECOS»

Conto do vigario

O «Correio da Manhã», orgão com a mesma função do nosso «Ecos», chamava a atenção dos leitores e não leitores para a situação do operariado no modo como está sendo resolvida a questão dos fosforos. Diz êle que o govêrno não protegeu como devia os operarios que, com a extinção do monopolio, ficaram sem trabalho, isto é, reduzidos á miseria.

Ora, isto não é verdade. O govêrno da Republica olhou e continua a olhar por esses operarios. Alguma legislação tem sido promulgada e algo se tem feito para acudir á situação dos desempregados. Demais, é bem sabido que não sofre confronto o modo como a Republica trata o operariado e aquele como o tratou a outra senhora. Autentico conto do vigario, o operariado saberá distinguir e não irá no bote. Perde o seu latim o jornal monarquico, que procede agora como já procedeu na celebertima questão religiosa, dando os catolicos como perseguidos, vitimas indefesas do regime, etc, etc. Tretas. As biches não pegam agora, como então não pegaram. E não somos nós que o dizemos; o diario catolico «As Novidades» tem publicado o mais formal desmentido a essas lôas, provando que os catolicos estão hoje em melhor situação do que aquela em que viviam nos tempos da monarquia. «As Novidades»... Ah, sim!

Mas isso é um osso que se lhes atravessou na garganta.

A ordem de serviço

Agradecemos ao «Ecos» a publicação, que lhe pedimos, da tal ordem de serviço que, segundo as suas lamurias, em tão desgraçadas condições colocava os snrs. vereadores.

Pela sua leitura se verifica que foi feita com a lei na mão e que os snrs. vereadores só teem que apoiar a sua doutrina, exposta com o fim evidente de evitar abusos que á sombra do nome deles, porventura, se cometessem.

Diz bem o «Ecos»: é assim que se quebram os dentes; exalá o desgosto de se vêr agora desdentado lhe sirva de lição.

Jantar de despedida

Realizou um passeio a Viana, onde foi fazer a sua festa de despedida, o curso do 7.º ano do Liceu Central de Martins Sarmento.

A LIBERDADE

A liberdade, segundo o puro pensamento republicano, consiste em dar a todos os cidadãos do país o direito de professar as ideias que quizerem, contanto que não saiam dos limites da lei, que regula a exposição e a propaganda de todos os principios, por mais divergentes que êles sejam.

A liberdade considerada como regalia só para uso duma facção, não é liberdade, não é nada. E, assim, as forças vivas, ou como modernamente lhe chamam, a União dos Interesses Económicos, queriam uma liberdade que lhes permitisse aumentar as divisas cambiais, negar ao Estado os impostos que são devidos, continuar a especulação de que é vitima um povo inteiro, de forma a não perderem os agravamentos do custo da vida.

Nesta especie de liberdade não há ideal, não há nada; há sómente a gapancia desenfreada para encherem ainda mais os seus cofres, já abarrotados de ouro, á custa da miseria dos outros. A União dos Interesses Economicos tem gasto enormes quantias para conseguir os seus fins, mas não considera perdidas essas importancias, fiada no proverbio popular—«semeai para mais tarde colher» esquecendo-se de que «quem semeia ventos, colhe tempestades».

E estou por certo que é o que lhe virá a acontecer.

Todo o republicano ama a liberdade, e só quem o é de facto é que sabe prestar-lhe o culto sereno, reflectido e profundo pela sua causa, e por consequencia para que as «forças vivas» tivessem probabilidades de vencer os seus maléficos fins, seria necessario que os republicanos deixassem de ter uma noção justa da liberdade e não lhes prestassem um preito sincero e permanente, como aliás prestam.

* * *

O orgão das forças vivas não se cança de proclamar que o país vai mal devido á demagogia.

Demagogos, para este já celebre orgão, são todos os cidadãos pacatos que, sem conveniencia de barriga, amam a Republica e estão prontos a derramar a ultima gôta de sangue em sua defesa.

São todos os republicanos que amam a causa da liberdade e que teem uma noção clara dos seus direitos e deveres de cidadãos livres e que se não sugeitam a curvar a cerviz ou a fazer salamaleques aos potentados das forças economicas.

São todos aqueles que não lhes reconhecem qualidades, além daquelas de saberem explorar o povo em seu beneficio proprio.

Todos os cidadãos que assim não pensam, serão os perturbadores da ordem, porque desejam a Republica defendida e prestegiada?

As forças vivas, por intermedio do sr. Carlos de Oliveira, que faz parte da Administração do orgão das mesmas forças—O Seculo—teem entendimentos com

(CRIANÇAS...)

(A RUTH)

Há dentro do jardim uns roseirais em flôr
que formam docemente um recanto isolado
onde os primitos vão, num sorriso enlevado
sem que os descubra alguém, lêr novelas d'amor.

Apenas sete anos! Um par encantador
com o seu romantismo um pouco acrançado,
que me relembra, enfim, ao pôr do sol doirado,
não sei se um «bibelot»... se a tela dum pintor!

Como ontem não a visse, ôle, mui cuidadoso,
mandou-lhe esta manhã com um ramo de rosas,
um livro pequenino, um livro encantador,

que ela, ao abri-lo, viu com grande admiração
conter, quási no fim das folhas setinosas,
imperceptivelmente... uma declaração.

Maio—924.

Jorge RAMOS.

UMA INSTITUIÇÃO MODELAR

A OFICINA DE S. JOSÉ

Aquele S. Tomé tinha-as bôas. Aparte as outras, esta do «Vêr para crêr» encerra em si um mundo de verdade, tão claro fala ao espirito dos que á razão dão seu fôro e, por isso, se não fiam em cantigas. Vêr para crêr; e no desejo de crêr, lá fomos nós vêr, na esperança, felizmente realizada, de podermos ainda uma vez pôr em cheque esse pessimismo doentio, que por aí vai alastrando em ondas de imoralidade, vasa inunda das vielas a correr para a praça publica, de onde ameaça a sublimidade da oficina e a santidade do lar. E' um refugio do Bem, ninho que a Caridade teceu carinhosamente ali nas fraldas da Penha e que deixou á guarda daquelas almas não corrompidas ainda pelo materialismo destruidor da época.

A Oficina de S. José

Num velho casarão, que outróra foi convento, está hoje instalada esta casa de caridade. Entramos. Na parede, ao lado, estas palavras, que deviam andar gravadas no coração de todos nós,

AO HUMILDE,
PÃO, ENSINO E TRABALHO

evocam o passado da benemerita instituição e na nossa mente surgem os nomes dos fundadores desta grandiosa obra, o saudoso dr. Manuel Moreira Junior, P.e Gaspar Roriz, P.e Domingos Gonçalves, Luis Cardoso de Menezes, João Martins de Freitas, Fernando Gilberto Pereira, etc, que com o seu esforço e sacrificio vieram preencher uma grande lacuna na beneficencia local, dando tambem ás pobres creancinhas abandonadas um asilo, onde pudessem preparar-se para vencer a miseria que as espreitava.

Historiemos um pouco, que no lo permite a obsequiosidade do Ex.mo Sr. Director da casa, o benemerito P.e Domingos Gonçalves.

Fundada há dez anos, esta oficina funcionou nos primeiros tempos numa casa da Costa, para tal fim cedida pelo sr. Antonio Leite de Castro. Três anos depois, o snr. dr Mariano Felgueiras conseguiu do Govêrno da Republica a cedencia, a titulo precário e por 19 anos, do antigo convento das Capuchinhas, onde agora a vemos instalada.

Dos fins desta instituição

Tiveram os seus fundadores em vista, não só ministrar aos albergados o pão e o ensino, mas ainda dar lhes um modo de vida a que no futuro pudessem ater-se. E, assim, é que a par da escola encontramos a oficina, onde os rapazitos podem adquirir o conhecimento de três artes — sapataria, carpintaria e alfaiataria — conforme os seus gostos e aptidões. Com mestres especializados, os rapazes produzem bem, de modo a acorrer ás necessidades da casa e ainda a trabalhar para fóra. Principalmente a sapataria tem progredido, a ponto de ser já uma pequena fonte de receita para a casa. O mesmo se não dá com a alfaiataria, que por falta de mestre, luta com dificuldades grandes, mas que hão-de vencer se, estamos certos, contando com a inteligencia e dedicação do P.e Domingos Gonçalves e a boa vontade dos benfeitores da Oficina de S. José, bem demonstradas nos progressos já obtidos. E tanta é a confiança nos destinos desta bela obra que se pensou e pensa em dotá-la com mais um importante melhoramento, uma *banda*, uma musica, que seria a alegria dos rapazes e um modo excelente de conseguir novos recursos. Para isso existe uma comissão, composta do Ex.mo Sr. Alberto Teixeira Carneiro e outros, que vem angariando os meios precisos para a compra dos instrumentos, tendo o dinheiro conseguido a capitalizar, á espera do momento oportuno, que só virá quando o numero dos recolhidos fôr suficiente.

Os recursos da Oficina

Não tem rendimentos proprios. Recolhendo creanças orfãs ou abandonadas, dos 8 aos 14 anos, e conservando-as sob sua guarda até aos 16 ou 18 anos, não é ao trabalho delas que a Oficina pode ir buscar o necessário ao seu sustento, por milhor que lhes aproveite esfôrço e aptidão. Recorre, portanto, á caridade dos seus subscritores, uns 200, que dão, em média, uns dois ou três mil reis anuais, e dos seus protetores, entre os quais se contam os Ex.mos Srs. Condes de Margaride, Abilio Cruz, o tesoureiro e grande benfeitor, José Antonio Fernandes Guimarães, José Vaz Vieira, Alberto Teixeira Carneiro, etc.

Há ainda algumas fábricas que muito auxiliam esta instituição, como a de Campelos, que deu 2.100$00, e a da Avenida, que costuma contribuir com uns centos de escudos. Mas a caridade não é condão só dos grandes; outros benfeitores há e estes modestos, que não fogem á altruista missão de socorrer os pobresinhos, como a Associação dos Empregados de Comércio, que ainda há pouco tempo ofereceu perto de 3.000$00, produto dum espectaculo dado em favor desta casa. E, se isto não bastasse para provar as grandes dedicações de que a Oficina de S. José está rodeada, poderiamos citar ainda o facto altamente enternecedor de uma creada de servir, uma velhinha, que aqui veio trazer uma libra em ouro, das suas parcas economias tão custosamente e tão amargamente amealhadas. E' para estas dedicações que a Oficina apela, certa de que será ouvida, na ansia de dar aos seus pupilos as maximas comodidades e de fazer deles o que os iniciadores desta casa tinham em vista.

E assim falando fomos dar á cêrca. E' pequena, mas tão bem aproveitada e tão bem tratada que dá gosto vê la. Carinhosamente, o sr. director fala-nos dela, e vai nos dizendo o enorme valor que ela tem para a mantença da Oficina. Dá de tudo um pouco. Desde a fava á castanha, tudo ela produz. Se fôsse maior era uma bela receita; assim mesmo constitui um importante auxilio. E' bem pequena a cêrca; com o que ela vai dando, ainda são precisos 30.000$00 para sustento da casa.

E são estes os recursos principais da benemerita instituição. Se a isto juntarmos o pouco que se vai angariando em missas e funerais e ainda o desvêlo com que a Ex.ma Sr.a D. Maria Martins Gonçalves, tia do nosso amavel informador, se tem votado ao desenvolvimento de tão prestante obra, ficaremos com o quadro completo das receitas. E é com elas e com uma prudente e bem cuidada administração que a Oficina vai constantemente progredindo, dia a dia melhor servindo os seus propositos de bem fazer, todos os anos encerrando as suas contas com um saldo sempre crescente, aumentando o raio da sua acção, como se prova com o facto de ter começado com 10 internados e manter actualmente 30. Mas, não se julgue que este saldo é obtido com sacrificio dos fins benemerentes da instituição. Com estes saldos e com os donativos dos benfeitores é que conseguimos os 17 contos indispensaveis para as reparações urgentes que se teem feito no edificio. Foi deste modo que se arranjou um dormitorio confortavel, adaptando a esse fim uma sala, á qual foi preciso altear o teto e rasgar janelas.

Da disciplina

E' deveras notavel. O asseio, a ordem em que tudo está, o respeito que em todos observamos, convencem-nos de que á frente da Oficina de S. José está um educador capaz. Carinhoso, afavel, o P.e Domingos Gonçalves está no seu lugar. E tão bem se tem havido que eu não resisto a contar-lhe a «historia das laranjas».

Há na cêrca, no espaço destinado ao recreio dos rapazes, duas ou três laranjeiras que, em geral, ainda em Agosto nos mostram os apetecidos pômos. E' isto motivo de admiração para quantos visitam a Oficina. Como pode ser? Então, os rapazes...?

Nem lhe tocam. Uma vez um deles deitou uma abaixo com uma bola com que brincava. Pega nela e vai todo açodado apresentá-la ao sr. director, desculpando se: não teve culpa, foi a bola que...

—E agora, que queres que eu lhe faça? diz o P.e Domingos.

O rapaz, confuso, balbucia mais umas desculpas, atrapalha-se e o sr. director, benevolo, acode logo: Sim, que queres que eu lhe faça? Agora... come-a.

Palavra que disseste. Como um raio, o rapazito corre para a cêrca, agarra a bola e *diz-lhe* enternecidamente: Obrigado, minha bolinha, por me teres dado uma laranja».

Bôa amostra da disciplina, na verdade.

Eram horas de retirar. Agradecemos ao sr. P.e Domingos Gonçalves a gentileza com que nos recebeu e, já á saida, ainda Sua Excelencia tem palavras de louvor para todos os que vem acudindo ás exigencias da Oficina. Depois, como remate.:

—Viu V. Ex.a o que se tem feito. Alguma coisa é; mas, mais seria se pudessemos dizer que estavamos em nossa casa. Se o sr. dr. Mariano Felgueiras, que tanto nos auxiliou obtendo do govêrno a cedencia da casa por 19 anos, conseguisse o resto...

O resto, leitor amigo, era o sr. dr. Mariano conseguir para a Oficina de S. José o mesmo que conseguiu para o Liceu: que o edificio e anexos sejam vendidos por preço médico áquela prestante instituição. E porque não?

E retiramo-nos encantados com o que tinhamos visto. Neste pantano de miserias morais a Oficina de S José é oásis onde a Virtude acha agasalho seguro. Bem hajam os que a auxiliam.

---

os bombistas, mandando fabricar bombas, são elementos de ordem?

As bombas empregadas pelas forças vivas devem ser abençoadas como eram as fogueiras da Inquisição. As suas bombas não teem os mesmos fins maléficos que as bombas da demagogia.

Pois as suas bombas são destinadas á implantação da Santa Monarquia e, como assim é, já não há talassa nenhum neste país que não aplauda entusiasticamente o seu emprêgo, como um dos melhores argumentos para a imposição do seu ideal politico.

* * *

Republicanos!, só a Republica dentro da formula da Democracia, isto é, da lei igual para todos, é que se coaduna com a nossa maneira de pensar de povo livre.

Porque só a Republica nos pode dar o ambiente em que todos os nacionais possam viver sem perseguições nem coacções.

Porque só a Republica é justa para os que prevaricam e tolerante para com as diversas formas de pensamento.

Não tenhamos ilusões! Qualquer regime que as forças vivas nos queiram impôr, não assenta em nenhuma base da palavra democracia, pois o seu poderio é apoiado na força das armas, e nunca nessa forma de govêrno os povos tiveram liberdade.

Queriam que nós respirassemos uma atmosfera de bem estar como a que se respira em Espanha e em Italia, e bem se vê pelas noticias que recebemos desses paises o terror e o arbitrio que lá imperam.

Não, senhores da União dos Interesses Economicos!; nós, os republicanos, sómente queremos a Republica com um parlamento que represente a vontade nacional e com governos que se nos imponham pelo seu prestigio e bom senso, e não queremos nem consentimos um govêrno que nos queira impôr disparates á força de coronhadas.

A. J. C.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.a página.

A SEMANA DA CRIANÇA

Uma sessão solene

A «Semana da Criança» foi iniciada, nesta cidade, por uma sessão solene que teve lugar no edificio das Escolas Primarias Gerais.

Antes, porém, foi hasteada a Bandeira Nacional e os alunos executaram varios exercicios de ginástica, sob a direcção do Ex.mo Snr. Dr. Dias da Silva, distinto professor da Escola Primária Superior.

Convidado a presidir á sessão o Ex.mo Snr. José Fernandes Guimarães, como representante da Câmara Municipal, este escolheu para o secretariar, os snrs. Capitão Souza Guedes, representando o comandante militar, e Inspector Escolar.

Em primeiro lugar falou o snr. A. L. de Carvalho, presidente da Comissão Organizadora, que exalçou a criança e disse dos fins destes festejos.

De seguida usaram da palavra os snrs. Inspector Escolar e P.e Alfredo Correia, como Director das Escolas Primárias.

Os alunos cantaram varios trechos de musica sob a proficiente regencia do snr. Manuel Ferreira Torres, ilustre professor da Escola Primária Superior.

Finda esta sessão foram distribuidas umas roupas aos alunos pobresinhos, a esses seres humildes que notabilisaram Shefer, Felaroche, Rafael, Donatello e Senior e que são o tipo infantil, delicioso e embriagante do nosso Teixeira Lopes.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Pelo Ex.mo Director do Ensino Primario foi enviada ás Inspecções Escolares a seguinte circular, com data de 22 do corrente:

«Constando nesta Direcção Geral que pessoas mal intencionadas pretendem deturpar a doutrina do Decreto numero 10:776, de 19 do corrente, chamo para o caso a atenção de V. a fim de urgentemente esclarecer os professores do seu Circulo.

O citado diploma não oferece senão garantias aos professores e torna possivel a acção das Juntas Escolares. Vão estas dispôr de meios positivos para pequenas reparações nos edificios escolares e vêem-se libertados da organização dos processos de concursos, tão perturbadora por vezes. A'queles abre-se uma espectativa de melhoria financeira, justo galardão de quem trabalha.

Também as atribuições dos inspectores serão consideravelmente ampliadas de modo a poder o inspectorado corresponder á sua delicada e espinhosa missão.

Estando a proceder á regulamentação do citado Decreto, peço a V. que me envie urgentemente qualquer alvitre que considere beneficiador da sua doutrina, a fim de o submeter á apreciação do Ex.mo Ministro.»

Peço, por isso, aos Srs. Professores que esperem pela regulamentação do Decreto n.o 10:776, confiem nas boas intenções do Ex.mo Director Geral, Dr. Costa Cabral, e não antecipem comentários desfavoraveis, pois é provavel, e isso se deduz do oficio transcrito, que o regulamento ponha tudo nos seus devidos termos e remedeie o laconismo do Decreto.

Guimarães, 25—5—925.

O Inspector,

M. A. Ribeiro de Miranda.

A RAZÃO — DESPORTIVA

Saudando todos os Clubs desportivos de Guimarães, "A Razão„ presta homenagem a todos aqueles que tão alevantadamente teem pugnado pelo desenvolvimento do desporto e rejuvenescimento da raça Portuguesa.

NOSSO DEVER

«A Razão» não podia considerar-se indiferente ao grande movimento que, ultimamente, se tem operado em Guimarães.

Um dever se lhe impunha — dever sagrado — de testemunhar o profundo reconhecimento a todos aqueles que, acarinhando a ideia do *desporto*, geraram a realidade da sua existencia e criaram a sua vitalidade.

E dizemos testemunhar o profundo reconhecimento, porquanto foi aqui, nas colunas do nosso jornal, que se sugeriram iniciativas e se orientaram os passos incertos daqueles que a seus ombros tomaram a responsabilidade de ensaiar o desporto no meio vimaranense — honra seja feita a Gervasio Campos de Carvalho que então se impôs á árdua tarefa de cronista desportivo.

* * *

Afonso da Costa Guimarães
Presidente do V. S. C.

A imprensa deve ser, adentro das democracias modernas, o grande factor das iniciativas sãs, o agente propulsor do desenvolvimento e rejuvenescimento dos povos e o guia dos ideais benéficos e altruistas.

E como o desporto é um traço de união que reage contra todos os egoismos *patrióticos* e faz banir as fronteiras; que dá origem ao homem irmão do homem e os apresta para a luta pela vida; que forma caracteres conscenciosos e integra almas sãs em corpos sãos, repudiando as devassidões e os defeitos, a imprensa tem por obrigação propagá-lo o mais possivel, contribuindo assim para a perfeição da humanidade.

Mas não basta o ensinamento da cultura fisica; torna-se necessário, também, a cultura intelectual, e essa, pertence em parte á imprensa, pois que em si reside toda uma e qualquer expectativa, todo e qualquer conselho.

Não por um principio de obrigatoriedade, mas sim por um principio de educação moral, a imprensa deve destacar o corpo do espirito, reconhecido como está de que «o mais pequeno movimento do corpo humano depende da acção da vontade» e consequentemente da orientação dada por esse mesmo espirito.

A inteligencia nasce proporcionalmente com a força, a aptidão com o método e a Moral com a disciplina — virtudes que compõem o Homem-perfeito.

SIUL.

Coisas nossas

Inegavel se torna que é a educação fisica o que mais contribui para o revigoramento das raças.

E por isso mesmo é que em tódas as nações do mundo civilisado se nota uma extraordinaria e apaixonada campanha em pró da educação fisica.

Em Portugal, essa campanha tem tomado um incremento admiravel e a paixão do sport vai alargando o seu ambito que há bem poucos anos se poderia dizer redusido simplesmente ás grandes cidades. A Provincia entrou de alma e coração neste salutar movimento e rara há-de ser hoje a aldeia em que a educação fisica não possua um grande núnero de admiradores.

Guimarães, não podia nem devia fazer excéção á regra. Uma onda de simpatia, digamos mesmo de paixão pelos exercicios fisicos, vem agitando a vida sempre pacata e monotona deste antiquissimo burgo, que muito se honra de ter assistido ao nascimento desse fortissimo Afonso Henriques.

Gervasio M. C. de Carvalho (Viriato)
Capitão-Geral do V. S. C.

Mas tudo quanto se tem feito em Portugal e muito especialmente em Guimarães, será em favor da educação fisica e do revigoramento da nossa raça?

Parece-nos bem que não...

Não haja duvidas que a pratica dos sports como sequencia duma acusada preparação fisica, é recomendavel sob todos os pontos de vista. Não quero agora indicar todas as vantagens fisicas e morais dos sports, na sua maioria já muito conhecidas.

Quero unica e simplesmente frisar bem que todas essas vantagens desaparecem e os sports se tornam altamente perigosos para todos os que os praticam sem a necessaria preparação fisica e o necessario comedimento.

Evidente se torna que um rapaz tuberculoso incipiente que se dedique a grandes desafios de foot-ball, depressa encontrará o agravamento dos seus padecimentos. Da mesma maneira um cardiaco que faça corridas, depressa arranjará passaporte para a... Atouguia. Da mesma maneira que creaturas doentes, aqueles que não tenham os seus orgãos fortalecidos por uma ginastica inteligente, depressa arruinarão a sua saude, obrigando esses orgãos a um esforço para que êles não estão preparados.

Daqui se conclui que os sports devem ser precedidos e acompanhados por uma inteligente e cuidadosa ginastica. Só assim os sports poderão contribuir para o revigoramento das raças.

Será isto o que se tem feito em Guimarães? Positivamente que não...

Necessario se torna arripiar caminho e que acima de todas as lutas de clubismos, nós ponhamos o bom nome do sport e muito principalmente a saude de todos quantos praticam o sport. Que a nossa finalidade seja sempre a maxima de Juvenal: *Mens sana in corpore sano.*

Continuaremos.

Viriato.

DUAS PALAVRAS

Sob variadissimos aspectos se nos apresenta o desporto, mas é principalmente sob os pontos de vista educativo, social, de desenvolvimento fisico e, mais fortemente ainda, sob o ponto de vista patriótico, que o deveremos apreciar e discutir. Mas, como num simples e unico artigo, dificilimo se me afigura, senão impossivel, uma análise severa dos beneficios que se podem colher na prática do desporto, conscientemente exercida, limitar-me-hei tão sómente a uma apreciação geral e breve.

A prática do desporto pela filiação em Clubs, educa, instrue e guia, criando laços de fraternal afecto. E assim, os trilhos miseraveis pelos quais caminham os que na vida vegetam sem amparo, as correntes defectistas que do trabalho e das obras dignificadoras desviam os incautos e ingénuos elementos que constituem a mocidade portuguesa, desaparecerão, para darem logar a sendas cheias de belêas e luz e a ideais de nobrêsa, que na alma dos novos derramarão a lealdade, a purêsa de caracter e a sinceridade de intenções. Como consequencia imediata, o desporto aparece-nos como o mais seguro baluarte daquela esperança que todos os portugueses alimentam, de um futuro sereno, em que a sensatez domine aliada á verdadeira integridade de caracter e á mais pura educação espiritual. E porque suponho, na minha limitadissima compreensão desportiva, que não deveremos alimentar o receio de ficarmos estacionários no campo, pouco vasto por felicidade, de rivalidades injustificadas, vulgarissimas inter-cidades, laborando em erros e reincidindo em pecados, porque piamente acredito que a influencia dos impulsos da mocidade, de forma alguma concorrerá para desarmonias ou males que incidiriam directamente sobre o país, é com satisfação que me atrevo a afirmar que o aparecimento das qualidades sociais do povo português, reside maiormente nas claras inteligencias que, a par do desenvolvimento do corpo, o desporto há-de criar.

Heitor da Silva Campos
Presidente do A. S. C.

Ah! Mas é especialmente pelo seu fim patriótico, que mais seduz, cativa e encanta, a acção desportiva no meu país!

Nesta hora malfadada, em que egoismo e odio vivem em comum, neste momento de incertêsa e receio em que Portugal caminha a passos vacilantes, eu sinto que a mocidade — núcleo de patriotas a pretender elevar um nome que já foi o maior — dignificará e salvará a Raça que as legiões de Viriato, formidaveis de valentia, alicerçaram e que as hostes invenciveis de Afonso Henriques consolidaram. De mãos dadas, postas de parte futeis questões, derivadas de amor clubista, os Clubs portugueses, movimentando-se continuamente, erguem sempre em qualquer caso o nome querido de Portugal, que no passado conquistou soberbos triunfos e no presente se cobre de glorias admiraveis.

A Pátria, a que a politica impura, que não a sincera, imprime convulsões que a abalam, esta terra onde o céu é mais belo e azul e os campos mais floridos e alegres, a Pátria Portuguesa que nos mandou dos braços vigorosos, movimentados por «corpos e almas sãs», há-de ainda um dia ser grande, tal como a sonhamos, porque os novos vigiam e trabalham pela união da grei, ao darem-se as mãos numa camaradagem leal, que aos patriotas faz rejubilar de alegria e contentamento.

H. Campos.

OFF-SIDE

A higiene no Foot-Ball

Vamos expôr algumas regras já usadas com grande êxito em todos os países da Europa e da América. Para se praticar bem este desporto não bastam só os treinos e a ginástica. Cuide-se do corpo e da alimentação : :

Alimentação

Os avançados de um *team* devem alimentar-se muito bem. Terão 4 refeições diarias. O primeiro almoço ás 7 horas da manhã, que constará de um alguidar de arroz de polvo (olhinhos polvoreiros) e uma travessa de salada de alface, sem molho. Ao meio dia, almoço, que poderá constar, de preferencia, de um ou dois leitões assados no forno, um coixão de cabrito estufado e 2 quilos de lombo de porco *au gratin*. Sobremeza: 2 ananazes ou 2 duzias de laranjas e 2 litros de vinho verde, bom. A's 4 horas, merenda, que constará de 2 ou 3 lagostas de mayonaise e meio perú recheado com farinha de pau e 4 garrafas de cerveja preta, alemã, para auxiliar a digestão. Finda esta pequena refeição deve-se repousar durante 3 horas seguidas para que a alimentação produza bons resultados.

A's 9 horas e meia da noite, iantar, que deverá constar de pratos de resistencia como por exemplo uma bacalhoada com todos os matadores e mais 4 pratos diversos. Sobremeza: 1 queijo flamengo e castanhas assadas. Por cima disto tudo, 3 canecas grandes de vinho do Douro. Finda a refeição, passear durante 5 horas para fazer a digestão.

Pontas e meias pontas (direitas e esquerdas)

O regime alimentar destes jogadores é diverso do antecedente. Deverão comer só uma vez por dia, e pouco, para conservarem a indispensavel agilidade e fortalecerem os musculos das pernas. Assim, logo que sejam 2 horas da tarde, comerão um caldinho verde com alguns feijões fradinhos e... nada mais. Não é permitido o uso de pão de milho, de centeio ou de trigo. De resto, poderão comer qualquer outro. Por cima do caldo tomarão uma chicara de chá para desgastar.

Defesas e meias defesas

Estes jogadores deverão alimentar-se apenas com farinha de pau e chá de parreira, a fim de conservarem a robustês fisica devendo andar sempre com o ventre bem desimpedido para que a sua acção em campo seja mais eficaz. Deverão ter uma cabeça sólida a fim de executarem bem as cabeçadas. Terão 3 refeições diarias: a 1.ª ás 6 horas da manhã, constando de 1 prato de farinha de pau; a 2.ª ás 3 horas da tarde, com a mesma receita, e a 3.ª á meia noite, idem, idem.

Por cima de cada refeição poderão beber o vinho que lhes apeteça, cuja dóse não poderá nunca ser inferior a 2 litros e meio por cada uma delas.

Guarda rêdes

Para se ser um bom guarda-rêdes é indispensavel ser dotado de maior sangue frio e da maior serenidade. Estas qualidades deverão andar aliadas a um bom fisico, a um golpe de vista rápido, a saltar e mergular bem. Porisso, esta classe de desportistas deverá alimentar-se apenas com lacticinios e a purgar-se com oleo de ricino de 3 em 3 dias, a fim de trazer o ventre livre. E como a sua missão é executar defesas, sempre que tenha de entrar em desafios, e para que o esférico se lhe não escape das mãos, deverão estes jogadores ter as luvas sempre bem untadas com visco (200 gramas para cada luva) a fim de *encaixarem* com a maior segurança.

Todos os jogadores de foot-ball deverão tomar todas noites, ao deitar da cama, um banho de chuva, não só para lhes refrescar a cutis como tambem para os desencardir de sujidades que porventura tenham adquirido com o uso constante dos treinos.

Virivalho.

Abertura da estação de Verão

GRAND CHIC

DE

MENDES & ANTUNES, L.da

43, Rua da Republica, 47

Os proprietarios deste estabelecimento participam á sua Ex.ma Clientela e ao publico que hoje, Domingo, estará patente uma Exposição de Modas, com um completo sortido finamente escolhido de todos os artigos da sua especialidade

Vêr as ultimas criações da Moda

ESTABELECIMENTO DE MODAS,

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.

Sedas, pelucias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.
Tecidos para forros em seda e algodão.
Espartilhos da fabrica SANTOS MATTOS.

Salgado -- Guimarães

PILSENER CRISTAL!

A delicia das Cervejas

DEPOSITARIO:

DOMINGOS PEREIRA MENDES, SUC.or

FAFE

FABRICO ESPECIAL DE PÃO DE LÓ E DOCES FINOS E PÃO DE MILHO DE SUPERIOR QUALIDADE, NO

HOTEL CENTRAL

VULGO:

Hotel da Felismina

ARREMATAÇÃO

(2.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito de Guimarães, cartorio do 5.º oficio, vão pela segunda vez á praça, para serem entregues a quem mais oferecer sobre os preços fixados, no inventario orfanologico por obito de João Vitorino da Silva Guimarães, casado, que morou na rua de Francisco Agra, desta cidade, no dia 31 do corrente mês.

Por 13 horas, á porta do Tribunal Judicial:

Os prédios seguintes, sitos naquela rua:

Uma morada de casas de 3 andares, com os numeros de policia 49 e 51, com quintal, poço e tanque e uma corte, o qual faz parte do descrito na Conservatoria sob n.º 22:130, no livro B-64, foi avaliado em 36:000$00, vai á praça por 21.600$00.

Outra morada de casas, de 2 andares, com rocio, com os numeros de policia 45 e 47, que faz parte do citado n.º da Conservatoria, foi avaliada em 14:400$00 e vai á praça por 8:640$00.

Outra morada de casas, tambem de 2 andares, com rocio, com os numeros de policia 41 e 43, descrita na referida Conservatoria no livro B-52 sob n.º 18.031, avaliada em 7:200$00 e que vai agora á praça por 4:320$00.

Estes dois prédios teem meação no poço existente no prédio sito na sobredita rua com os numeros de policia 37 e 39.

Por 14 horas, á porta da casa onde residiu o inventariado:

Diversos bens moveis, que faziam parte do mobiliario da casa, os quais são agora praceados com o desconto de 80 % da avaliação respectiva.

Toda a contribuição de registo devida pela arrematação dos imoveis, fica a cargo dos arrematantes.

Pelo presente são citados quaisquer credores ou outros interessados incertos, para assistirem aos termos da praça.

Guimarães, 8 de Maio de 1925.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

Guarda-livros

Toma conta de escritas. Falar na Casa Benjamim, Toural — Guimarães

Éditos de 30 dias

(1.ª Publicação)

Por éditos de 30 dias são citados Bernardino Soares, Ernesto Soares, Ezequiel Soares, solteiros, maiores, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, Miguel Luiz, solteiro, maior, ausente em parte incerta na Africa, Antonio Luiz, solteiro, maior, ausente em parte incerta na Espanha, e João Luiz, solteiro, maior, ausente em parte incerta, para assistirem ao inventario por óbito de seu pai e tio José Ribeiro, que foi do lugar da Vaca Negra, freguesia de Urgezes, da comarca de Guimarães, sem prejuizo do regular andamento do mesmo.

Guimarães, 20 de Abril de 1925.

O escrivão do 1.º oficio,

Armando da Costa Nogueira.

Verifiquei:

Amadeu G. Guimarães.

Mendes & Freitas, L.da

Cedencia de Quota

Pela presente fazemos publico que, de comum acôrdo, deixou de fazer parte da nossa sociedade o socio sr. José de Freitas Guimarães Junior, pela cedencia da sua quota á Ex.ma Sr.ª D. Virginia da Luz Teixeira, conforme escritura lavrada em 16 de Maio, pelo notario Ex.mo Sr. Dr. Antonio Bastos Junior.

Tambem foi resolvido que os actuais socios uzassem a mesma firma e ficassem com poderes perfeitamente iguais

Guimarães, 16 de Maio de 1925.

Mendes & Freitas, Lt.da

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Loiçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

Rua de Gil Vicente, 34 e 36 — Guimarães

EXECUÇÃO PERFEITA — TRABALHOS EM CORES

TIPOGRAFIA

MINERVA RIBIERO

PREÇOS MODICOS

"A Razão"

Ex.mo Snr.